

**OVÍDIO: ELOGIO A UM AMIGO NA *URBS*,
SEGUNDO A ELEGIA 5, DO 4º LIVRO DOS *TRISTIA***

Eliana da Cunha Lopes (FGS)
elianalatim@yahoo.com.br

A obra de Ovídio é a de um grande poeta. [...] Este que já foi chamado de o “Voltaire do Século de Augusto” [...] A par da espontaneidade, tão louvada em sua obra, maneja a língua como senhor e dono da forma, com a destreza do mais hábil artífice. É um parnasiano na forma e um romântico na expressão. [...] Senhor de todos os recursos da estilística, maneja as mais variadas figuras de linguagem – antíteses, paralelismos, onomatopeias, jogos de palavras – graduando a narração conforme os sentimentos por ela instigados, façanhas que nenhum poeta latino conseguiu tão plenamente. (Pietro Nasseti, 2003, p. 19-20)

RESUMO

Em nosso trabalho, abordaremos a elegia 5, do livro IV dos *Tristia*, obra escrita no exílio pelo poeta sulmonense Ovídio, representante elegíaco do Século de Augusto. Este poema apresenta o elogio a um amigo que se acha em Roma. Nos trinta e quatro versos que compõem a elegia, o poeta abstém-se de identificá-lo para que, segundo nos relata o próprio poeta, não o prejudique com seus versos de agradecimento, com seu elogio e desejos de prosperidade familiar, por sua fidelidade a um a companheiro banido da *Urbs* e que, por este motivo, se encontra privado do convívio físico-sócio-político que ele mantinha na sociedade romana. Pelos elogios e pela firmeza da amizade inabalada, descritos pelo poeta sobre o amigo, deduz-se que se trata de Marco Valério Máximo Cota, filho caçula de Marco Valério Messala Corvino, que fundou um círculo literário do qual fez parte, entre outros, Tibulo.

Palavras-chave: *Tristia*. Ovídio. Elegia. Exílio. Século de Augusto.

1. *Ovídio: algumas considerações*

Públio Ovídio Nasão (43 a.C. – 17 d.C.), autor do século de Augusto, não viveu diretamente os períodos mais conturbados da história de Roma. Nasceu depois do assassinato de Júlio César. A instabilidade que sucede à morte do ditador, com as guerras contra os

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cesáridas, as proscricções e o segundo triunvirato são fatos ocorridos na infância do poeta. O clímax do conflito entre Otávio e Marco Antônio, que culminou na batalha de Ácio, em janeiro de 31 a.C, pouco lhe deve ter aguçado o interesse, visto ter, na época, pouco mais que doze anos. A *Pax Romana*, instituída por Augusto no ano de 29 a.C, só muito mais tarde, ao escrever sua obra, despertou-lhe a atenção. Estes fatos exerceram fascínio, sobremaneira, nos poetas que o antecederam como: Vergílio e Horácio. Quanto a Vergílio, mal o terá visto, quanto Horácio ainda privou de sua companhia. Não conheceu Mecenas que já havia falecido quando o poeta foi aceito nos círculos próximos do Imperador. Não conseguiu levar a contento o desejo de seu pai, que o queria advogado, pois, segundo suas próprias palavras (*Tristia*, 4, 10, 26) *tudo quanto dizia saía em versos*, a poesia lhe era inata.

A experiência como tragediógrafo não lhe surtiu êxito. Então, dedicou-se a cantar o amor. Seu primeiro livro de elegias, os *Amores*, compreendia originariamente cinco livros, mas em uma segunda edição o poeta o reduz para três, através dos quais cantou as peripécias de sua ligação com Corina, embora não se tenha certeza de que este romance tenha, verdadeiramente, existido. O êxito desta primeira obra encorajou-o a prosseguir no mesmo tema. Escreve, então, *A Arte de Amar (Ars Amatoria)* que consistia num canto sobre a arte da sedução e do amor. Ao lermos a obra do poeta elaborada no exílio-*Tristia* – o próprio Ovídio nos faz supor que o *carmen et error* (2, 207) que o baniu de Roma tenha sido a autoria daquela obra, considerada bastante obscena pelo moralizador Augusto, pois a política imperial visava, sobretudo, a restaurar os costumes antigos e esta obra, que fora publicada havia dez anos, era o oposto de toda a política defendida pelo Imperador. Em um trecho da obra *Ars Amatoria*, Ovídio ensina a arte da sedução e dirige-se às mulheres “livres”.

Não te mostres fácil aos pedidos de um suplicante, mas não rejeites duramente o seu desejo. Age de modo que ele tema e espere a um só tempo, e que a cada resposta, a sua esperança seja mais bem assegurada e o seu temor menos forte. Os termos que as mulheres empregam devem ser elegantes, porém de uso corrente e sem ornamentos; nada agrada mais do que o tom comum da conversa. (CORDEIRO, 2006, p. 58)

Ovídio compõe, também, as *Heroides* – cartas de heroínas que se tornaram famosas por força de paixões invulgares, personagens míticas, em sua quase totalidade (exceto a poetisa Safo, na ele-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

gia 15) e, endereçadas àqueles heróis que foram objeto desse amor; em três destas cartas é acrescentada a carta – resposta do destinatário. Compôs ainda para curar os efeitos do amor os *Remedia Amoris*. Na maturidade, escreveu as *Metamorfoses*, obra em quinze livros, onde se registram mitos que narram transformações e mudanças de forma na natureza e no mundo mitológico. Escreveu os *Fasti*, um calendário nacional, heroico-religioso, onde são descritos os cultos e as festas religiosas dos seis primeiros meses do ano quando um edito de Augusto, em 8 d.C, o surpreende, banindo-o de Roma. Ovídio não teve tempo de concluir os últimos seis meses do ano de seu poema elegíaco que ele retocava quando da morte de Augusto. Após este desenlace, o poeta substitui a dedicatória (outrora dirigida a Augusto) para Germânico, porém, nenhum benefício logrou com esta troca. No exílio, o poeta compõe, dentre outros poemas, *Tristia* e *Epistulae Ex Ponto* – que, sob a aparência de cartas endereçadas aos familiares e amigos – como veremos no *corpus* deste trabalho (*Tristia* 4, 5) testemunham a dor, a saudade, as amarguras e os sofrimentos quando se vê relegado entre povos bárbaros, ao mesmo tempo que se tornam fontes para o conhecimento da vida e dos costumes daquelas regiões tão distantes de Roma.

Ressaltamos aqui que a situação de Ovídio em Tômis era a de um *relegatus* (confinado a um determinado local por decreto imperial). Neste caso, o condenado conservava os bens e a cidadania romana. Na condição de *exul* (exilado), ele perdia a cidadania romana, e seus bens eram confiscados e leiloados. O próprio poeta esclarece que ele era um relegado, banido e não exilado: *relegatus, non exul* (*Tristia*, 2, 137). Ainda assim, por vezes, ele denominava sua punição como *exilium*. Trata-se de um artifício poético, de valor hiperbólico, utilizado para comover os amigos menos sensíveis – assim acreditamos.

Não só Ovídio foi punido por um governante por ter escrito uma obra polêmica. Em pleno século XX, o detentor do Prêmio Nobel da Língua Portuguesa em maio de 2003 e considerado o mais importante autor vivo da língua portuguesa por críticos em Portugal e no Brasil, o escritor José Saramago (1992-2010) foi relegado à posição de um traidor da tradição espiritual portuguesa ao escrever em 1991 a obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo* que, por ordem do governo português, em 1992 foi retirado da lista de indicados ao

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Prêmio Literário Europeu, por ser considerada ofensiva aos católicos. Em reação, Saramago foi viver com sua esposa, a jornalista Pilar Del Rio, num exílio voluntário em Lanzarote, em 1992, nas Ilhas Canárias, território espanhol, onde veio a falecer, recebendo por seu ato apoio unânime de jornais e intelectuais europeus. Gostaríamos de salientar que estes exílios compreendem situações diferentes: no primeiro caso um exílio estabelecido por decreto; no segundo caso, um exílio voluntário.

2. *Tristia: cantos de tristeza*

A obra elegíaca *Tristia* consta de cartas enviadas a Roma pelo poeta nas quais descreve a angústia e o infortúnio por ele vividos quando banido de Roma, distante dos amigos e do convívio familiar. Fala-nos da esperança na condescendência do Imperador Augusto, a qual não foi revogada nem mesmo pelo sucessor do soberano, o Imperador Tibério. Isolado em Tômis, no *Pontus Exinus*, hoje território da Romênia, nos confins do império, longe dos limites da Itália, com a idade de 50 anos, consegue elaborar uma obra bastante pessoal, criando versos eivados de dor e de saudade que se aproximam do conceito mais moderno de elegia. Conscientiza-se de que sua poesia o arruinou e, neste lugar inóspito, reflete sobre sua vida pública e privada, sobre sua obra, seu futuro incerto; recorda-se da noite do seu banimento da *Urbs*, dos amigos, da esposa que tanto amava. Os versos escritos pelo poeta sulmonense, neste primeiro momento, na Trácia, adquirem, muitas das vezes, um tom trágico, como na elegia I, 3, versos 81-82:

Non potes auelli; simul hinc, simul ibimus, inquit
Te sequar et coniux exulis exul ero.

Não podes ser-me arrancado; juntos, daqui, juntos iremos; diz: Seguir-te-ei
– e esposa de exilado, exilada serei.

O poeta celebrizou-se por suas composições tristes, os *Tristia*, onde a melancolia e a amargura assumem tom forte. A verdade é que, apesar do banimento, este fator foi determinante na sua produção literária após 8 d.C (20 de novembro). Habitado e afeiçoado a Roma, aos ditosos dias da corte imperial, a viver próximo do poder, ao respeito da sociedade culta da *Urbs*, Ovídio, fosse o motivo justo ou injusto, vê-se subitamente banido para longe da *Urbs*, do esplên-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

dor, privado de todo conforto físico-social, de que sempre desfrutara, e também do lugar privilegiado que detinha na sociedade em que vivia, agora relegado à condição de simples mortal. Neste momento, era natural que sua obra refletisse esta mudança e que os versos outrora ditosos fossem transformados em cantos de tristeza.

3. A elegia 5 do Livro IV

Na Elegia V, do Livro IV, dos *Tristia, corpus* deste trabalho, o poeta elogia um amigo que, dentre todos, demonstrou ser o altar seguro para seus infortúnios longe da *Urbs – fortunis... meis* (verso 2). Consciente da irreversibilidade de sua posição de banido, revela ao amigo, através de exemplos, que com o tempo que passa lento para ele, o poeta, todas as controvérsias serão abrandadas, exceto suas amarguras e a dor de viver longe da cidade tão amada por ele e que, nesta situação, suas forças não resistiriam por muito tempo ao raio – *fulmine* – (verso 6) que o atingiu de maneira desumana oriunda do ressentido Imperador Augusto.

Esta elegia de Ovídio é dirigida quase que certamente a Marco Valério Máximo Cota, filho caçula de Marco Valério Messala Corvino, o militar, político e orador que manteve um círculo literário ao qual estava ligado Tibulo (o conhecido círculo de literário de Messala). No verso 29 desta elegia, Ovídio menciona o irmão do destinatário: Marco Valério Messala Messalino que subjuguou os Ilírios em 6 d.C. A este, Marco Valério Messala Messalino Ovídio dirige a elegia anterior: 4, 4.

3.1. Análises da elegia ovidiana

Nesta elegia 5, do livro IV, é elogiado um amigo pela amizade mantida com o poeta que ora se encontra banido de Roma, a cidade soberana.

Em sua descrição, diz que o destinatário é o mais importante dentre seus amigos e que suas palavras consoladoras fizeram ressurgir a alma agonizante (moribunda) de um desterrado longe de Roma. No verso 4, o poeta compara o seu ressurgir com o ressurgir de uma chama quando embebida no azeite. Neste mesmo verso, o poeta uti-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

liza o substantivo próprio *Pallade* (*Pallas*, *-adis*) ou Minerva, deusa da guerra e das belas-artes como metáfora para o azeite, extraído do fruto da oliveira, árvore dedicada à deusa. No verso 1, o poeta utiliza o adjetivo *dilectos* participípio passado do verbo *diligo* para qualificar o amigo, caracterizando que o afeto que tem por ele é mais intenso. No verso 2, o elogio ao amigo apresenta-se em forma de aposto *Unica fortunis ara reperta meis*, ...com ênfase no substantivo *ara*, quando o poeta afirma que este amigo estimado é o único altar encontrado para aliviar os seus infortúnio, pois era costume dos romanos, para fugir ao perigo, em casos extremos, refugiar-se junto dos altares. O poeta banido, sofrendo com o afastamento dos familiares, longe da pátria, no isolamento do Ponto Euxino, revela que as palavras consoladoras proferidas pelo amigo, *cuius ab adloquiis* (verso 3) revigoram sua alma que agoniza como a chama vigilante *vigil... flamma* (verso 4) costuma ressurgir quando acrescida, embebida pelo azeite. No verso 6, o poeta utiliza o substantivo da terceira declinação *fulmen*, *-inis* = raio, no ablativo singular, como metáfora para Augusto porque, segundo inúmeras passagens registradas nas suas elegias, quando banido de Roma, ele faz menção ao um raio fulminante que atingiu sua cabeça, como metáfora para o Imperador Augusto. Trata-se de uma alusão à origem divina do soberano. Como membro da *gens Iula*, sendo filho de Júlio César por adoção, Augusto era descendente dos deuses olímpicos. Daí o raio como atributo de Júpiter, servir de metáfora para designar o Imperador e também o decreto que desterrou Ovídio de Roma. No verso 8, o autor banido diz ao amigo que se César lhe tivesse confiscado (*eripuisset*) as riquezas paternas – ele não sofreria tanto como está sofrendo com sua sentença. Utilizando-se do Presente Histórico *excidit*, o poeta, segundo suas palavras, ressalta que quase deixa escapar o nome deste amigo; porém No verso 34 ele deixa escapar um dado deste amigo *iuueni* = tu que és jovem=, que seria um homem com idade entre 20 e 40 anos. No verso 11, o poeta diz que, mesmo sem revelar o nome do amigo, ele reconheceu-se nas características elogiosas formuladas no poema. E, certo da amizade inabalada deste amigo, o poeta sabe que se fosse pela glória que causaria ao amigo ele gostaria de dizer publicamente ser ele o amigo fiel, verso 12 *Ille ego sum* (Eu sou aquele). Mas receoso de prejudicar o destinatário, com seus versos agradecidos e com seu nome, neste momento, inoportuno para os que vivem em Roma ao pé do Imperador, o poeta, então, abstém-se de revelá-lo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

mesmo que o amigo o consentisse. Agradece-lhe ternamente por tê-lo guardado *intra tua pectora* (verso 17) – dentro do coração – e, lembra-o de que o poeta também o conserva na memória. Nos versos 23-4, aconselha ao amigo que mantenha, com firmeza, sua amizade inabalada por um companheiro desterrado, atitude esta que é raro de ser encontrada.

Teque, quod est rarum, praesta constanter ad omne
Indeclinatae munus amicitiae.

Demonstrando sua esperança no perdão do Imperador, o *vates* solicita ao destinatário da carta que conserve esta amizade, prestando ao amigo e poeta banido o auxílio e a dedicação prestados até o momento em que uma brisa mais suave pairar sobre sua cabeça, estando o deus, metáfora de Augusto, apaziguado. Desejamos ressaltar que várias vezes encontramos nos versos ovidianos as metáforas ligadas à vida marítima. Ora elas se aplicam ao desenvolvimento da obra poética, ora referem-se às diversas circunstâncias da vida. Nesta elegia, a brisa suave aplica-se à tranquilidade, a felicidade que Ovídio espera um dia reencontrar. Por isso, a amizade de Marco Valério é o porto acolhedor para o poeta desterrado. Receoso, para não prejudicar ao amigo, solicita-lhe que proteja sua cabeça – *caput* (verso 21) – pois esta só poderá ser salva por aquele que a mergulhou nas águas do Rio Estige (é o rio que designa o rio dos mortos) e que ela própria não pode ser reerguida por si mesma. O substantivo *caput* está empregado metaforicamente com o sentido de vida, como em português há a expressão *pena capital*, que herdamos do Direito Romano. A partir do verso 25, é empregada a anáfora com o advérbio *sic* (verso 26, 27, 31, 33) quando o poeta deseja ao amigo fiel os votos de pleno sucesso em sua vida. Em contrapartida, os desejos de sucesso e felicidade dirigidos ao amigo são, de fato, aqueles que lhe são negados pela condição de banido de Roma, que não poderia desfrutar da companhia de seus numerosos amigos em reuniões galantes e festivas. Utilizando-se do Presente do Subjuntivo optativo, Ovídio deseja ao amigo que sua fortuna tenha progresso eterno (verso 25) – *Sic tua processus habeat fortuna perenes!* Oxalá, que tu próprio, amigo fiel, não tenhas falta de recursos e que socorras os teus familiares (verso 26) – *Sic ope non egeas ipse, iuvesque tuos!* Continuando a formular votos de felicidade perene ao amigo e utilizando, mais uma vez, a anáfora com o advérbio *sic*, o poeta privado da companhia da esposa

Circulo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

no exílio, deseja ao amigo que sua esposa lhe proporcione felicidades perenes e que nenhuma querela caia sobre – *incidat* (verso 28) – seu leito nupcial.

Sic aequet tua nupta uirum bonitate perenni,
Incidat et uestro rara querela toro! (versos 27-8)

Assim tua esposa se nivelará ao marido na perene benevolência e, oxalá, que dificilmente ocorram desavenças em teu leito nupcial!

Uestro... toro! (verso 28) – vosso leito nupcial – trata-se de uma metáfora aplicada ao desejo do poeta de que nenhum mal caia sobre a família do amigo. Citando os filhos de Leda, Castor e Polux, símbolos da sincera amizade fraterna, o poeta deseja que o irmão de sangue do amigo o ame com o mesmo afeto com que os filhos de Leda se amaram.

Diligat et semper socies te sanguinis illo,
Quo pius affectu Castora frater amat! (versos 29-30)

E que teu irmão de sangue te ame sempre com aquele afeto com que o irmão piedoso ama Castor!

Privado do leito nupcial, do convívio dos amigos e da filha Perila, na gelada Tômis, o poeta, mais uma vez, envia votos de que o filho do amigo, refletindo os costumes do pai, seja reconhecido como seu filho.

Sic iuuenis, similisque tibi sit natus, et illum
Moribus agnoscat quilibet esse tuum! (versos 31-2)

E que assim teu filho seja semelhante a ti e quem quer que seja reconheça que ele é teu filho através de teus costumes!

Finalizando a carta, o poeta dos *Tristia* formula outro desejo, dentre muitos já endereçados ao amigo. Espera que, não só o filho lhe traga felicidades, mas também sua filha o torne, não tardiamente, avô, sendo o amigo ainda jovem.

Sic socerum faciat taeda te nata iugali,
Nec tardum iuueni det tibi nomen auito. (versos 33-4)

Assim, oxalá, que tua filha te torne sogro no leito nupcial e não dê a ti, que é jovem, o nome de avô tardiamente.

Devemos compreender o cuidado de Ovídio em não querer revelar o nome do amigo, aquele que lhe é fiel, aquele que consta como o primeiro entre seus amigos estimados, aquele que o poeta

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

não deseja prejudicar, por viver no solo de Roma e, conseqüentemente, para também não ser prejudicado. Acredita-se que este amigo seja Marco Valério Máximo Cota, filho caçula de Marco Valério Messala Corvino (fundador do Círculo de Messala, ao qual pertenceram vários poetas contemporâneos de Augusto e Ovídio, entre os quais estava o elegíaco Tibulo).

3.2. Tradução

Versos 1-4: Oh! Tu! Primeira parte entre os meus amigos estimados, único altar encontrado para os meus infortúnios, com cujas palavras consoladoras esta alma agonizante ressurgiu como a chama vigilante costuma ressurgir embebida no azeite.

Versos 5-8: Que não receaste abrir um porto acolhedor e um refúgio para uma embarcação atingida por um raio de cuja fortuna (sorte) eu não me sentiria despojado, se César tivesse me confiscado as riquezas paternas,

Versos 9-12: enquanto o ímpeto me arrebatava esquecido deste momento, ai de mim! Quase que teu nome me escapa. Tu, todavia te reconheste e, sendo tu tocado pelo desejo de glória, desejarias poder dizer publicamente: “Eu sou aquele!”.

Versos 13-16: Se tu consentisses, certamente, eu gostaria de conceder-te um louvor e unir uma fidelidade rara à tua fama. Receio que eu te prejudique com meu verso agradecido ou que o elogio inoportuno do teu nome te prejudique.

Versos 17-20: Alegra-te dentro do teu coração, o que te é lícito e seguro, por eu ter-te conservado na memória e tu teres-me sido leal. E, como fazes, navega com força a fim de trazer-me o teu auxílio até o momento em que uma brisa mais suave me envolva, quando o deus estiver apaziguado.

Versos 21-24: Protege a cabeça (= a vida de Ovídio) que não pode ser salva por ninguém, se não a erguer aquele que a mergulhou nas águas do rio Estige. Mostra-te, com firmeza, diante de todo dever de uma amizade inabalada, o que é raro.

Versos 25-28: Assim, eu te desejo que tua fortuna (= sorte) tenha progresso eterno! Assim, que tu próprio não tenhas falta de recursos e que tu socorras teus familiares! Assim (deste modo), que tua esposa iguale seu marido na perene benevolência e, oxalá, que raramente ocorram desavenças sobre teu leito nupcial.

Versos 29-32: E que teu irmão de sangue também te ame sempre com aquele afeto com que o irmão piedoso ama Castor e que assim teu

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

filho seja semelhante a ti e quem quer que seja reconheça que ele é teu filho através dos seus costumes.

Versos 33-34: Assim, que tua filha te torne sogro no leito nupcial e não dê a ti, que é jovem, o nome de avô tardiamente.

4. Conclusão

A respeito do poeta Ovídio, último dos poetas clássicos e o mais completo dos poetas elegíacos latinos, pode-se afirmar que os sofrimentos do homem no desterro, a experiência da solidão, a consciência da irreversibilidade de sua situação, após a morte de Augusto e a ascensão de Tibério, como Imperador, o desespero e a dor denunciadas nas obras do exílio, não conseguiram abalar sua veia poética. Mesmo em condições adversas, o poeta elabora uma obra bastante pessoal, em dísticos elegíacos, eivada de dor e de saudade que se aproxima do conceito mais moderno de elegia. Ovídio é, ele próprio, o poeta e o ser banido. É autor textual e sujeito lírico do seu próprio canto. Autor preferido na Idade Média, incluído no Renascimento e reconhecido no Barroco.

Falece em Tômis, já sexagenário, no ano de 17 da era cristã, sem obter de Augusto ou Tibério o perdão e o regresso a Roma ou, ao menos, a comutação do lugar de seu banimento, o gélido país dos getas. De nada lhe valeram as reiteradas e comoventes suplicas à esposa e aos amigos, registradas em suas obras no exílio – *Tristia e Epistulae ex Ponto*. Em seu epitáfio, faz apenas um último pedido ao viajante que passar por seu túmulo – *que não lhe seja penoso dizer que as cinzas de Nasão descansem em paz:*

Dicere: Nasonis molliter ossa cubent. (*Tristia*, 3, 3, 76)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYET, Jean. *Littérature latine*. 10. ed, rev. corr. Paris: Armand Colin, 1962.
- CARCOPINO, J. *Roma no apogeu do Império*. Trad. de H. Feist. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1990.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *Festas romanas: da época dos reis ao advento do Cristianismo*. Palestra proferida no VI Congresso da SBEC. Rio de Janeiro: UFRJ, julho, 2005.
- CORDEIRO, Renata. *O amor: receitas práticas e sábias*. São Paulo: Landy, 2006.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática. 2007.
- ELIADE, M. *História das crenças e das ideias religiosas*. Trad. R.C. Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, V. 1, Tomo 2.
- FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- _____. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 4. ed. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.
- HERESCU, N. I. (Org.). *Ovidiana; Recherches sur Ovide publiées à l'occasion du bimillénaire de la naissance du poète*. Paris: Belles Lettres, 1958.
- KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- LOPES, Eliana da Cunha. *Heroides XVI e XVII de Ovídio: um hino de amor*. Rio de Janeiro. UFRJ. Faculdade de Letras, 1993, 213 p. mimeo. Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Latina.
- MAROUZEAU, J. *Traité de stylistique latine*. 5. tir. Paris: Belles Lettres, 1970.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MARTIN, René. *Dictionnaire culturel de la mythologie gréco-romaine*. Paris: Éditions Nathan, 1992.

MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Éditions Nathan, 1990.

NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza. (Org.). *Poesia lírica latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 246-7.

OVIDE. *Tristes*. Text établi et traduit par Jacques André. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

OVÍDIO. *Cartas pônticas*. Introdução, tradução e notas de Geraldo José Albino. Revisão da tradução Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. *A arte de amar*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian, 1987.

RIPERT, E. *Ovide, poète de l'amour, des dieux et de exil*. Paris: Armand Colin, 1921.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

VIDEAU-DELIBES, Anne. *Les Triste d' Ovide et l'élegie romaine*. Paris: Klincksieck, 1991.